



A afetividade nos processos de ensino e aprendizagem na formação inicial de professores de química: análise a partir dos discursos de docentes e discentes.

Affectivity in the teaching and learning processes in the initial training of chemistry teachers: analysis based on the speeches of teachers and students.

Leticia de Oliveira¹, Joana J. de Andrade²

¹ Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo

² Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo

RESUMO

O processo de desconstrução da dicotomia razão/emoção tem trazido novas perspectivas em diferentes áreas de conhecimento e, principalmente, na educação. Cada vez mais temos compreendido a cognição e o afeto como dimensões integradas e igualmente importantes para o funcionamento psíquico. As emoções fazem parte do funcionamento orgânico humano, como também são parte das relações sociais que os indivíduos estabelecem. Somos seres integrados, únicos e complexos, assim, compreender o ser humano jamais poderá ser um ato teórico-metodológico fragmentado. Assumindo que as emoções e, por consequência as relações afetivas, influenciam diretamente no funcionamento psíquico, se faz necessário olhar com mais atenção para a sala de aula, compreendendo que pensamos e sentimos simultaneamente. Dessa forma, nesta pesquisa monográfica, de caráter qualitativa exploratória, pretendeu-se investigar qual é a compreensão dos docentes e discentes do ensino superior de uma universidade pública paulista, a respeito da afetividade nas relações de ensino e aprendizagem. Analisamos os dados a partir dos pressupostos da psicologia histórico cultural, tendo como referencial teórico Vigotski e Wallon. Os resultados demonstram o quanto as emoções estão presentes no contexto acadêmico de forma velada e entretecida a discursos que falam tanto de sintomas psíquicos quanto corporais. Conclui-se que é necessário que os aspectos emocionais sejam considerados quando pensa-se no ato de ensinar e aprender, além de repensar a formação docente.

Palavras-chave: afetividade; ensino superior; relação aluno-professor.

ABSTRACT

The process of deconstructing the reason/emotion dichotomy has brought new perspectives to various fields of knowledge, particularly in education. We have increasingly come to understand cognition and affect as integrated and equally important dimensions of psychic functioning. Emotions are part of human organic functioning and are integral to the social relationships individuals establish. We are integrated, unique, and complex beings; therefore, understanding the human being can never be a fragmented theoretical-methodological act. Assuming that emotions, and consequently affective relationships, directly influence psychic functioning, it becomes imperative to closely examine the classroom

environment, acknowledging that cognitive and emotional processes occur simultaneously. Thus, this exploratory qualitative research aimed to investigate the understanding of affectivity in teaching and learning relationships among teachers and students in higher education at a public university in São Paulo. We analyzed the data based on the assumptions of cultural-historical psychology, with Vygotsky and Wallon as our theoretical references. The results demonstrate the pervasive presence of emotions in the academic context, subtly interwoven with discourses that address both psychic and bodily symptoms. It is concluded that emotional aspects must be considered in the act of teaching and learning, as well as in rethinking teacher education.

Keywords: affectivity; higher education; student-teacher relationship.

1. Introdução

Quando um bebê nasce ele não consegue distinguir o seu corpo do de sua mãe. O universo do recém-nascido é entretido ao meio em que vive e ao corpo que o gestou. Mas, os poucos, por meio da interação, dos sons e do desenvolvimento bio-psíquico-social, o bebê vai percebendo a sua individualidade e sua singularidade na relação com o mundo. Os objetos começam a ser percebidos, desenhados, entendidos numa complexa relação de identificação e de classificação, do mundo. Este é o início da formação das chamadas funções psíquicas superiores (Vigotski, 1985).

Em termos de estudo do desenvolvimento humano, durante muito tempo acreditou-se na existência de duas linhas de ação distintas: a racional cognitiva e a emocional, como se houvesse caixinhas que organizam e separam tudo dentro de nós mesmos. Tal pensamento tem fortes raízes na filosofia dualística do filósofo e matemático René Descartes, considerado o pai da filosofia moderna e conhecido por supervalorizar a razão em detrimento de outras dimensões humanas. Seu método e teoria reafirmam a dualidade humana, fragmentando corpo e alma. Através dos olhos de Descartes enxergamos o homem de uma perspectiva matemática subdividida (Vares; Polli, 2005).

A força do pensamento cartesiano tem permanecido até os dias atuais de diferentes formas, apesar de outros estudos considerados antagônicos, como em Espinosa ou mesmo Leonardo da Vinci, mas, na atualidade um autor que tem se destacado no resgate da discussão e na proposição de estudos baseados na neurociência, tanto quanto na filosofia e na psicologia, é o português Antônio Damásio. Em contrapartida ao discurso de Descartes, Damásio (1996) se opõe ao seu método de fragmentação para o estudo e a compreensão dos fenômenos, defendendo que, para um entendimento completo, o objeto de investigação “desenvolvimento humano” deve ser estudado amplamente em toda sua complexidade. Propõem-se assim, uma análise mais integrativa. Mais do que isso, Damásio e colaboradores, através de seus estudos, apontam que as emoções são um referencial das atitudes racionais, guiando as tomadas de ação (Tomaz; Giugliano, 1997).

A partir dos questionamentos e críticas à dualidade cartesiana, com a contribuição de diversos autores, aos poucos vão sendo criados novos pilares para o estudo e a compreensão do desenvolvimento humano. Tal concepção ganhou força no século passado, alicerçada nas novas teorias filosóficas, sociológicas e psicológicas baseadas nos aspectos culturais, históricos e sociais que passaram a atentar-se para o fato de que o ser humano é produto da inter-relação de diferentes aspectos. A então famosa afirmação “penso, logo existo” de René Descartes foi então contraposta por “existo e sinto, logo penso” de Antônio Damásio (Leite, 2012). Ainda que esteja em desconstrução, a visão dualística entre razão e emoção, enraizada socialmente e que se estende até a sala de aula é capaz de impactar o processo de ensino e aprendizagem, pois desconsidera os aspectos emocionais e sua influência no desenvolvimento cognitivo. Visto que os afetos e emoções estão intimamente ligados com processos cognitivos e que as ações de ensinar e aprender, estão interligadas e dependem da construção de relações e vínculos entre professor e aluno, os afetos e emoções que permeiam essa relação terão fortes implicações

nesse processo de ensinagem. Ao considerarmos a inter constituição do processo de ensinar e aprender como base, a concepção dicotômica pode então ser desconstruída e a sala de aula pode se tornar um lugar de desenvolvimento integral e pleno, sendo assim, o professor poderá ser capaz de ter uma perspectiva mais integrada de seus educandos, considerando o ser humano de forma ampla, compreendendo a importância da relação entre os aspectos emocionais e cognitivos.

Assumindo tal pressuposto, e entendendo que o afeto permeia toda e qualquer atitude humana, se faz necessário problematizar a concepção de professores, sobretudo aqueles que fazem parte do corpo docente dos cursos de licenciatura, a respeito do seu entendimento sobre afetividade e suas influências no processo de ensino e aprendizagem, em especial para formação de futuros professores. Assim, o objetivo central da pesquisa não é quantificar, mas sim investigar e compreender as complexas relações que se estabelecem dentro e fora da sala de aula e qual o papel da afetividade durante o processo de ensinagem.

2. Fundamentação teórica

Os estudos sobre a correlação dos processos afetivos e cognitivos estão fortemente apoiados nos trabalhos de Henri Wallon e Lev Vigotski, autores de referência para esse trabalho. Segundo a teoria Walloniana, o primeiro e mais intenso vínculo do sujeito com o ambiente social é descrito/marcado/constituído pelo que chamamos de emoção. De acordo com Wallon (1968), as emoções são manifestações de estados subjetivos, que possuem componentes orgânicos, ou seja, as emoções são capazes de gerar respostas fisiológicas. Vigotski (2001a) parte da concepção de que o homem nasce um ser biológico e se torna, através da convivência social, um ser sócio-histórico, desenvolvendo as chamadas funções psíquicas superiores. Assim, as emoções seriam parte do plano biológico, que se modificam com a interação sociocultural e passam a ter simbologia, significado e sentido. Desse modo, dependem diretamente da natureza das relações sociais do indivíduo.

De acordo com a teoria Walloniana o desenvolvimento mental não se dá senão através do afeto, ou seja, através das relações interpessoais. Relações essas que têm início logo nos primeiros momentos de vida fora do ventre materno, pois a criança, incapaz de sanar suas necessidades, é totalmente dependente da interação com outros para que consiga sobreviver, e tal dependência cria laços afetivos dos quais emergem os significados e representações sociais (Almeida, 2010). A dependência da criança para atender suas necessidades gera exteriorizações que são interpretadas no meio social, iniciando assim o processo de comunicação (Silva, 2017). Uma vez que as relações afetivas dependem tanto do meio interno (indivíduo) quanto do meio externo (social), na perspectiva Vigotskiana, a afetividade se dá através das vivências, já que é por meio desta que o indivíduo e a sociedade interagem (Peralta, 2021). Isso pois, a atribuição dos significados das emoções não é de carácter natural, embora suas manifestações físicas sejam, ou seja, apesar das emoções fazerem parte da dimensão biológica, a interpretação das mudanças corporais que ocorrem é construída socialmente e historicamente. (Camargo; Bulgacov, 2016). Sua teoria sobre afetividade, foi fundamentada na visão monista entre corpo e mente de Baruch Espinosa e portanto, assume que as dimensões afetivas e cognitivas se relacionam intimamente de forma dialética (Silva, 2008). Sendo assim, é fundamental que a dimensão afetiva seja considerada, já que a mesma está atrelada a outros aspectos do desenvolvimento, incluindo os aspectos que envolvem a dimensão cognitiva. A consciência humana é então constituída de dimensões distintas que são indissociáveis, o intelecto e o afeto (Camargo; Bulgacov, 2016).

3. Metodologia

A pesquisa foi realizada em uma unidade pública de ensino superior em que são oferecidos cursos de Licenciatura em Química e de Bacharelado em Química. Foram realizadas

seis entrevistas, três com discentes e três com docentes de diferentes áreas da química sendo elas: Educação, Inorgânica e Analítica. Os três alunos entrevistados foram de diferentes anos do curso, sendo eles dois homens e uma mulher cursando o 2º, 4º e 5º ano, já que as disciplinas pedagógicas e as experiências educacionais variam ao longo dos anos do curso. A presente pesquisa tem caráter qualitativo e, como descrito por Ludke e André (1986) é caracterizada pela descrição minuciosa, buscando investigar o objeto de forma complexa e integral, e exploratória pois pretende-se explorar qual é a compreensão dos docentes e discentes do ensino superior do curso de Licenciatura em Química a respeito da afetividade. O método dialético também foi incorporado para realização desta pesquisa, sendo suas principais características a contradição e a totalidade, e destacamos, também a contextualização, uma vez que parte-se do pressuposto de que um objeto ou fenômeno não pode ser estudado isoladamente sem considerar as influências do contexto em que está inserido (Wachowicz, 2001). Utilizou-se a entrevista semiestruturada como recurso que permite obter informações mais aprofundadas devido à sua característica interpessoal, entrevistado-entrevistadora. Tratar-se de um recurso mutável que pode se adequar ao longo do processo, permitindo assim um melhor diálogo e aprofundamento nos pontos que o pesquisador julgar como relevantes (Ludke; André, 1986).

4. Construção dos dados

As entrevistas continham treze perguntas semiestruturadas e foram conduzidas de forma dinâmica. As perguntas tiveram a função de orientar as falas da pesquisadora de acordo com os objetivos aqui propostos. Cada entrevista teve em média a duração de 40 minutos, variando de acordo com disposição comunicativa de cada entrevistado. Os dados serão apresentados em pequenos trechos, nos quais se destacam aspectos considerados importantes que vão ao encontro dos objetivos da pesquisa, sendo assim, foram estabelecidas duas unidades de análise em que serão analisadas quais as concepções sobre afetividade e sua relação entre afeto e o processo de ensino-aprendizagem dos discentes e docentes.

Para preservar a identidade dos sujeitos entrevistados, será feito o uso de códigos que identifiquem qual entrevista e entrevistado está se referindo, sendo assim será utilizado o código Ax para identificar discentes e Dx para docentes, em que 'x' será o número da entrevista. Sendo assim, o código A1 se refere à entrevista com o discente um. Foram feitas seis entrevistas, três discentes de diferentes áreas da química sendo elas: Educação, Inorgânica e Analítica, dentre eles um homem e duas mulheres, pois acredita-se que cada especialidade da química proporciona uma trajetória diferentes para cada professor. Os três alunos entrevistados foram de diferentes anos do curso, sendo eles dois homens e uma mulher cursando o 2º, 4º e 5º ano, já que as disciplinas pedagógicas e as experiências educacionais variam ao longo dos anos do curso, assim, nos anos finais espera-se que os alunos tenham maior bagagem de vivências. A questão de gênero, apesar de não ser foco deste estudo, foi utilizada como um critério, pois um mesmo tema pode ser visto de diferentes formas por homens e mulheres, devido às suas diferentes funções e representações sociais.

5. Resultados

Primeiramente, quando foi pedido para que os entrevistados definissem afetividade em apenas três palavras, as mais citadas foram: amor, carinho, emoção, sensibilidade, doação, conexão, sentimento, proximidade, acolhimento e respeito. É interessante observar que as mesmas palavras são citadas quando foi perguntado aos entrevistados o que é mais importante na relação professor-aluno, ou seja, a afetividade está sim presente na sala de aula e envolve as relações interpessoais entre alunos e professores.

Outro aspecto que se faz presente nas falas dos entrevistados é o quanto a relação estabelecida entre docente e discente é capaz de impactar na aproximação do estudante com o

conteúdo ou disciplina estudada.

*P3: Muito decisivo foi, depois no colegial que seria o ensino médio, que foi o professor de química que assim, eu acho que ele foi o divisor de águas, foi quem realmente, **fiz química por causa dele [...] ele apostou em mim então eu acho que ele acreditou mais em mim do que eu mesma, então eu acho que esse foi o ponto mais importante.***

Tal impacto é capaz de direcionar os estudantes em escolhas de vida como sua carreira profissional e em qual curso de graduação ingressar. Teixeira (2021), demonstra como os afetos influenciam na escolha profissional, aponta que características como a atenção, preocupação, auxílio na superação de dificuldades e motivação são destacados como aspectos que influenciam de forma afetiva os alunos. De acordo com Mahoney e Almeida (2005, p 26), “A forma como o professor se relaciona com o aluno reflete nas relações do aluno com o conhecimento e nas relações aluno-aluno”. O processo de ensino e aprendizagem depende diretamente da relação pedagógica entre aluno e professor, a qualidade desse processo irá depender substancialmente da qualidade dessa relação, que por sua vez depende de diversos fatores subjetivos dos sujeitos envolvidos. No entanto, cabe ao professor o papel de mediar essa relação guiando os aspectos cognitivos e afeti- vos.

5.1. Unidade I: Aprendizagem - Afeto.

Esta unidade de análise tem como foco investigar as concepções de docentes e discentes do ensino superior a respeito da importância, ou não, da afetividade para o processo de aprendizagem. Ao perguntar aos entrevistados sobre a relação entre afetividade e aprendizagem foi possível observar que ambos os grupos (alunos e professores) chegam a conclusões similares.

*A3: Eu acho que ele (o aluno) percebe um professor que é mais cuidadoso, que é mais respeitoso, que é mais cauteloso que vê ele além de um aluno lá sentando na sala e **eu acho que isso motiva ele a talvez se entregar um pouquinho melhor se permitir aprender aquilo né, se permitir perguntar tirar suas dúvidas então eu acho que isso é um ponto muito importante nesse processo.***

No relato, destaca-se a importância da percepção do aluno a respeito da postura do professor, a entrevistada relata uma relação direta entre o comportamento do professor e o desempenho dos estudantes. Se há uma postura que indique aspectos afetivos isso irá motivar os alunos de alguma forma, os deixando mais confortáveis para expor suas dúvidas. As emoções são as representações motora e corporal da afetividade, é o nosso primeiro recurso de comunicação, por ser um instrumento de sociabilidade tem capacidade de unir indivíduos. Assim como o comportamento do aluno implica no comportamento professor, o inverso também acontece marcando o caráter contagiante das emoções (Mahoney; Almeida, 2005). De acordo, com a perspectiva Vigotskiana, o desenvolvimento psicológico humano ocorre do social para o individual, processo conhecido como internalização (Gonçalves, 2019), sendo assim todas as funções mentais superiores se originam por meio das relações interpessoais. Nessa mesma direção temos a fala de outro professor entrevistado, em que ressalta:

*P1: Eu acho que se você trata o aluno como um ser humano, se o aluno se sente seguro na sua aula. Porque ele sabe que ele está sendo ouvido, está sendo considerado como uma pessoa ali e não como simplesmente mais um, como se fosse um robô. **Eu acho que isso pode fazer com que ele perca algum tipo de bloqueio que ele pode ter com aquela disciplina ou com aquela matéria.** Eu acho que se o aluno é tratado dessa forma ele pode ser estimulado. Isso pode fazer com que ele quebre barreiras de aprendizado no sentido de “eu acho que eu consigo por que o professor tá fazendo a*

parte dele tá sendo uma pessoa mais próxima” nesse sentido.

É interessante notar nos trechos citados que ambos os entrevistados destacaram a importância de “olhar além do aluno”, mas pensamos sobre o que isso significa. Supomos que tal expressão representa, em certa medida, uma perda. Algo se perde nas relações humanas durante a escolarização, alguma perspectiva do humano é perdida. Se precisamos “olhar além” é para buscar o quê? Mahoney e Almeida (2005, p. 12) destacam que “[...] o grande desafio do professor, que teve uma formação na qual a integração não foi levada em conta, é enxergar seu aluno na sua totalidade e concretude”, nesse sentido, ao que parece, os educandos não são vistos/compreendidos como indivíduos completos, com desejos e questões pessoais que vão para além de serem um número na sala de aula. Entendemos que esta expressão aponte para a necessidade de que o professor não deva estar puramente voltado para aspectos cognitivos, entende-se que o papel do professor vai muito além da formação acadêmica de seus alunos, pois, tão importante quanto a formação profissional é a formação humana. Nesse sentido Rodrigues (2023), destaca a importância de uma educação mais humanizada, questionando que a função da instituição de ensino (escola) e do professor não deve ser apenas a transmissão de conteúdos e sim a formação integral do sujeito. O autor afirma, baseando-se nas ideias de Vigotski, que é a educação o meio pelo qual o homem se humaniza. Nesse mesmo aspecto, tem-se a frase de outra professora entrevistada.

P2: Então eu acho que se aprende não só pelo conteúdo, mas a gente aprende pelas normas da disciplina que a gente ministra, pela forma de se relacionar, então eu sempre tive muito claro que eu quero formar pessoas pacíficas, que eu quero formar pessoas que tenham sensibilidade para reconhecer os problemas e buscar as transformações e eu acho que não tem como formar uma pessoa assim se eu não tiver um bom relacionamento (...) então eu sempre tento ter uma relação bem amistosa, enxergando ali o meu aluno não como aluno, mas como futuro colega de profissão, como um ser humano que tem também seus desafios.

Sua fala vai ao encontro de Masetto (2003, 2009), que nos chama a atenção para a formação cidadã que permeia a formação profissional, para que a universidade forme profissionais competentes, mas que também reconheçam seu papel na sociedade como cidadão é preciso compreender o ser humano de forma integral, reconhecendo a importância da interação com o outro para toda e qualquer aprendizagem. Outro aspecto citado nas falas dos entrevistados é a superação de obstáculos (bloqueios) de aprendizagem e a exposição de dúvidas. Entende-se que quando é criada uma conexão com os alunos há facilidade em identificar dificuldades na aprendizagem, pois percebe-se mais facilmente quais estão sendo os obstáculos nesse processo. Além de ter mais ferramentas no momento do ensino, estabelecer uma relação interpessoal que tenha como base o afeto e o diálogo permite que os alunos se sintam mais confortáveis para expor suas dúvidas, dificuldades e interesses, contribuindo assim para o processo de aprendizagem, Vigotski (2010, p. 139) enfatiza que “[...] as emoções são esse organizador interno das nossas reações, que retesam, excitam, estimulam ou inibem essas ou aquelas reações. Desse modo, a emoção mantém seu papel de organizador interno do nosso comportamento” (apud Kochhann; Rocha, 2015 p. 529), a origem do pensamento de acordo com Vigotski, estaria na dimensão da motivação, em que se incluem os afetos e emoções, que permeiam todos os nossos desejos e atitudes (Taille; Oliveira; Dantas, 2019).

A1: Se você olha uma matéria e fala: “Caramba, eu gosto disso” e você vai, mesmo que você tem um pouco mais de dificuldade, você tem muito mais disposição para enfrentar essa dificuldade que você tem (...) Então, quando você aprende, e no caso o professor tem muita influência nisso, se você aprende algo gostando daquilo ou com um interesse naquilo, você não só aprende, mas faz com

que você grave por mais tempo.

Na fala do entrevistado aponta-se outro aspecto da relação entre afetividade e aprendizagem: sabe-se que a influência da afetividade nesse processo ocorre não somente entre professor e educando, mas também entre o educando e o objeto de conhecimento, nesse caso os conteúdos acadêmicos, o aluno também destaca a influência do professor nesse processo, reconhecendo a importância da mediação do docente no sentido de despertar aspectos afetivos positivos entre os estudantes e o objeto de conhecimento. Assim, afetividade age de forma colaborativa impulsionando a aprendizagem, nesse sentido, cabe ao professor despertar esse desejo de aprender em seus alunos, mobilizando aspectos afetivos (Sarnoski, 2014), já que “[...] o tipo de relação afetiva que vai se estabelecer entre o aluno e um determinado conteúdo escolar [...] vai depender, em grande medida, da concretude das práticas de mediação pedagógica planejadas e desenvolvidas em sala de aula” (Leite, 2012, p. 362).

Além disso, a percepção desse aluno de que aprender algo com o qual se tem uma relação afetiva é mais fácil e permanece por mais tempo na memória, não é apenas impressão, a ligação entre as emoção e a memória é apontado por diferentes autores. De acordo com Tomaz e Giugliano (1997 p. 410), Damásio (1994) aponta que “[...] a emoção está intimamente associada à memória; ou seja, ao contexto em que é adquirida na experiência individual” e segundo Vigotski (2003, p. 121), “[...] um fato impregnado de emoção é recordado de forma mais sólida, firme e prolongada que um feito indiferente” (apud Kochhann; Rocha, 2015 p. 529).

Em relação ao ambiente universitário, a aluna destaca a ruptura sentida pelos estudantes, ao passar do ensino básico para o ensino superior.

*A3: Eu acho que tem alguns professores que eu não me inspiraria para ser como ele [...] justamente por essa falta de cuidado né? Essa **falta de olhar mais humanizado**. Principalmente aqui na graduação, foi uma coisa que eu senti muita diferença quando eu entrei, **esse choque inicial de você não poder ter esse contato muito próximo com os professores**.*

A afetividade está presente em todos os anos e níveis escolares, inclusive no ensino superior em cursos de graduação e pós graduação, uma vez que toda e qualquer ação humana é mediada por processos emocionais e afetivos. Segundo Amado et al. (2009, p. 77), citando Montessori (1969) “[...] considera que o grande problema da educação tradicional está no fosso que ela manteve entre a criança e o adulto”. O ambiente universitário reproduz essa distância e raramente se mostra acolhedor. As relações interpessoais estabelecidas nesse meio geralmente distanciam ainda mais alunos e professores, uma vez que esses são considerados a elite intelectual da sociedade e, aos educandos resta o papel de aprendiz.

As relações interpessoais entre professores e alunos mudam no decorrer da escolaridade, chegando à universidade em que se estabelecem, geralmente, relações de pouca proximidade. Sendo assim, as relações estabelecidas são mais distantes e por consequência com menor caráter afetivo. Não cabe nos objetivos desse trabalho a análise dos motivos que levam a essa mudança na relação professor/aluno, mas sim refletir sobre as implicações na formação de novos professores e no processo de ensino e aprendizagem destes. Para Vigotski, a fragmentação dos aspectos intelectuais e afetivos é uma visão limitante (Leite, 2012; Magiolino, 2010). Tendo em vista a perspectiva sócio-histórica, na qual assume-se que o homem se torna humano por meio da interação com seus pares, entende-se que os processos psicológicos não são inatos, mas sim construídos à medida que se inserem no meio social (Franco, 2009).

É comum encontrarmos na universidade professores com grande domínio nos conteúdos específicos a serem ministrados, porém com pouca ou quase nenhuma bagagem pedagógica,

como apontado por diferentes autores (Masetto, 2003, 2009; Barros, 2017; Alsop, 2005). Segundo Almeida (2012, p. 91), “aí reside, a nosso ver, o que talvez seja a grande dificuldade de parte significativa dos professores universitários: admitir e reconhecer que o ato de ensinar tem uma dimensão pedagógica e didática que requer atenção, cuidado, estudo” (apud Barros, 2017, p. 198-199). Especialmente em se tratando de um curso na área de exatas, em que se tem uma alta taxa de evasão se comparado com outras áreas, deve-se priorizar uma mediação pedagógica mais afetiva. Segundo Soares, et al. (2021), uma revisão de artigos feito por Matta, Lebrão e Heleno (2017) demonstrou que “[...] os relacionamentos interpessoais podem favorecer o rendimento acadêmico e adiar a decisão de abandono da Educação Superior” (p. 515). A revisão a respeito da evasão acadêmica de cursos da área de exatas realizada por Garcia e Gomes (2022), aponta que a primeira causa de desistência são as dificuldades de aprendizagem.

Entende-se, apoiado no trabalho desses autores, a importância de uma visão e ação pedagógica holística, que considere o ser humano em sua completude abrangendo aspectos afetivos e cognitivos de forma conjunta, como apontado pelos trabalhos de Vigotski (2001a, 2001b, 1985) e Wallon (1979). A relação estabelecida entre professor e aluno é capaz de intervir diretamente no aprender, o modo como o professor conduz a disciplina é determinante, como é destacado nas falas dos professores entrevistados.

Por fim, a falta de afetividade é reconhecida como um empecilho no processo de aprendizagem.

*P3: A gente vê até nos resultados nas disciplinas, às vezes o conteúdo é complexo, a gente já sabe que vai ter um problema maior para ser trabalhado, **mas a gente vê que faz toda a diferença a forma com que o professor lida e traz ali e envolve a sala.***

*P1: Eu acho que se você não tiver nenhum tipo de afetividade com o aluno e é uma disciplina difícil, é uma disciplina que gera algum tipo de desinteresse, **a falta de afetividade do professor pode gerar mais desinteresse ainda no aluno a ponto dele realmente não seguir adiante ou não se importar muito com aquela disciplina.***

É preciso abandonar a dicotomia e remodelar a educação em todos os níveis para que esta se torne mais humana e possa contribuir para formação de todos os envolvidos abrangendo todos os aspectos do ser humano, pois não se pode “[...] diferenciar os fatores sociais, culturais, religiosos, genéticos e neurológicos que podem interferir significativamente na aprendizagem. Somos humanos, e como tais, estamos sempre em busca de algo que justifique nossa existência, que nos dê razão para viver” (Sarnoski, 2014, p. 3).

Unidade II: Ensino - Afeto

De forma similar ao par aprendizagem-afeto, durante a entrevista foram feitas questões a respeito da relação entre o ensino e o afeto. Dessa forma, nessa unidade de análise pretendeu-se investigar as implicações afetivas no ensino na perspectiva dos professores e dos alunos. Alguns aspectos abordados na unidade anterior foram revistos aqui, agora sob a perspectiva do ensino, por exemplo, a relação entre motivação e afeto.

*P1: [...] eu acho que quando você consegue desenvolver essa parte afetiva com os alunos a sua aula acaba fluindo de uma maneira melhor, eu acho que pensando em ensinar os alunos isso também motiva o professor, então você chega para dar aula mais motivado, você acaba trabalhando mais motivado por aquela turma. **Pessoalmente, isso faz com que eu me dedique mais para ensinar [...] eu acho que quando você consegue desenvolver essa parte afetiva, você fica mais motivado para melhorar as suas aulas fazer coisas diferentes [...].***

Não surpreendentemente os docentes também sofrem as implicações afetivas das

relações estabelecidas com seus alunos, relatam se sentir motivados assim como os alunos, quando há aspectos afetivos, afinal essencialmente somos todos seres humanos e tendemos a nos comportar de forma similar frente a determinadas situações. A desconsideração das necessidades afetivas não só resulta em dificuldades de aprendizagem para os alunos, como também contribui para docentes apáticos, insatisfeitos e desmotivados (Mahoney; Almeida, 2005). O professor destaca que, quando é desenvolvido afeto pelos alunos, ou por uma turma, isso tem fortes implicações na sua prática pedagógica, isso o motiva a se doar mais e melhorar suas aulas, como afirma Alsop (2005, p. 4), “a educação funciona melhor quando combina corações e mentes”. Uma fala muito similar a essa é a da entrevistada P2.

P2: Por exemplo, a sala que eu dei aula agora é uma sala que todo dia eu pensava neles eu via uma coisa legal e lembrava deles e você não lembra das pessoas se elas não são queridas [...]eu acho que vai para esse campo assim do afetivo e é uma retroalimentação na relação eu acho que é bom para o aluno, mas eu também me nutro como professora e como ser humano.

É marcante o modo como a professora descreve a relação afetiva com seus alunos, ultrapassando o âmbito profissional, sublinhando a contribuição humana dessa relação. A afetividade permite que sentimentos e emoções tornem o processo de aprendizagem e ensino significativo para o aluno e para o professor, assim, ambos os envolvidos aprendem e ensinam um ao outro simultaneamente (Lima, 2020). A afetividade é um fator que contribui tanto para os alunos como para os docentes, o que é novamente evidenciado pela fala do professor P1.

P1: Eu acho que se você não tiver um pouco de afetividade um pouco de consideração com o seu aluno deixa de ser uma relação humana passa a ser uma relação de máquina e eu não acho que isso é saudável nem para mim nem para o aluno, eu acho que o aluno tem que se sentir querido, tem que se sentir considerado eu acho que se você não tiver uma relação assim com aluno se você tiver uma relação mais fria, não sei eu acho que não pode ser bom para o aluno do meu ponto de vista.

Nesse trecho o entrevistado destaca que uma relação pouco afetiva, em sua visão, não será benéfica para nenhum dos envolvidos, ou seja, assume-se a necessidade de relações que tenham maior proximidade. Somos desde o primeiro momento seres afetivos, cabe a educação o desafio de atender as nossas necessidades orgânicas e afetivas (Taille; Oliveira; Dantas, 2019). Já a falta de características afetivas é destacada como um desafio para o processo de ensino e prejudicial para a motivação.

A3: Não tem como você ensinar se você não tem cuidado, respeito e empatia por aquele aluno e o aluno também, não que ele não consiga aprender, mas ele se sente mais desmotivado com a falta de afeto.

Novamente temos aqui a relação entre motivação e afetividade. Considera-se que “[...] a afetividade é a mola propulsora das ações, e a razão está ao seu serviço” (Taille, Oliveira, Dantas, 2019, p. 65), sendo assim, não há despertar da motivação se não houver envolvimento da afetividade. Entende-se que, para que se tenha um ensino mais satisfatório é necessário que o professor crie relações de afeto. Entendendo seu papel como formador humano e não apenas um reprodutor de conteúdos que lhe foram ensinados, nesse sentido temos o relato do aluno A2.

A2: ele (o professor) ainda virou para mim e falou o seguinte: "se você quer ser um professor de química a primeira coisa que você tem que saber é química, então não se importa com didática vai aprender química" aí eu falei então tá bom, aí ele falou para eu vir aqui para (instituição de coleta de dados).

É evidente que para ser um professor de química é necessário saber química, no entanto,

apenas o domínio do conteúdo não é suficiente para exercer a docência, já que todo e qualquer ação humana é impregnada de emoções (Wallon, 1968). Shulman (1987) nos ajuda a refletir sobre essa questão, apontando que o que diferencia um especialista de um professor é justamente “[...] a capacidade de um professor para transformar o conhecimento do conteúdo que ele possui em formas pedagogicamente poderosas e adaptadas às variações dos estudantes levando em consideração as experiências e bagagens dos mesmos”. (apud Fernandez, 2011, p. 2). Assumindo tal afirmação, entende-se que é preciso conhecer seus estudantes para poder considerar suas bagagens e experiências, ter uma relação que permita proximidade para que haja essa troca é extremamente importante para o exercício da docência, o que também foi evidenciado na fala dos entrevistados. É importante que os professores tenham em mente que “[...] o aspecto emocional do indivíduo não tem menos importância do que os outros aspectos e é objeto de preocupação da educação nas mesmas proporções em que o são a inteligência e a vontade” (Vigotski, 2000, apud Rodrigues, 2023, p. 20).

A1: Se eu entendo muito mais a pessoa, é muito mais fácil de passar aquilo que eu sei pra ela, a forma que eu passo é diferente, você não passa um quadrado bruto. Você sabe como encaixar aquela peça ali, entende? Então fica melhor para ensinar.

Estabelecer uma relação mais afetiva contribui para que os alunos se sintam confortáveis e possam expressar com tranquilidade suas questões, dúvidas, opiniões, o que contribui para o processo de ensino, como é destacado na fala do entrevistado A1. Como defendido por Leite (2012), não se trata de seguir determinada metodologia ou estratégia de ensino e sim de considerar aspectos afetivos em todas as suas ações, “[...] em toda situação de ensino planejada, o professor deve assumir algumas decisões que, no seu desenvolvimento prático, terão inevitáveis consequências afetivas na relação que se estabelecerá entre o aluno e os conteúdos específicos de ensino” (p. 362). Entende-se, portanto, que os aspectos afetivos permeiam nossas atitudes de forma muito sutil, sem que tenhamos consciência de suas implicações, por isso, destaca-se novamente a centralidade da importância da formação de professores, esses que devem não somente dominar conteúdos específicos, mas também administrar os inúmeros aspectos que envolvem o processo de ensino e aprendizagem. Por isso, Wallon destaca a importância da formação docente, para que os professores sejam capazes de desenvolver em seus alunos capacidades intelectuais, afetivas e motoras, tanto quanto de conteúdo (Silva, 2017).

O ensino é uma atividade complexa para qual o domínio disciplinar é essencial, porém não é suficiente, é preciso entender como os estudantes aprendem e como esse processo de ensino deve ser conduzido. Zabalza (2004), a respeito do ensino universitário, enfatiza que ser um bom pesquisador em sua área não basta, pois a profissão docente corresponde possibilitar que os estudantes aprendam efetivamente o que se almeja ensinar. Como aponta Leite (2012), “[...] iniciar o ensino a partir do que o aluno já sabe sobre os conteúdos envolvidos aumenta as possibilidades de sucesso do processo de aprendizagem do próprio aluno” (p. 363). A participação dos alunos é essencial para o ensino, as manifestações dos mesmos podem ajudar o professor a guiar suas ações para proporcionar uma melhor aprendizagem, ou seja, um ensino que seja mais efetivo, para isso é importante entender seus alunos, o que fica bem colocado nos trechos de destaque abaixo.

A3: Os alunos tendem a estar mais confortáveis quando você consegue estabelecer esses limites de cuidado, respeito, consequentemente você consegue ter uma troca melhor com os alunos. Você consegue, eu acho que você consegue, perceber se aquilo que você está fazendo tá sendo efetivo, eu acho que você consegue perceber a forma que você está trabalhando se tá sendo legal ou não, justamente porque você tem essa

troca né? Eu acho que você dá liberdade para o seu aluno, para que ele tenha essa liberdade de falar com você, de demonstrar alguma coisa.

*P1: Eu posso responder isso em algumas palavras: **participação dos alunos**. Em uma sala que você tá dando aula e você tem uma grande participação dos alunos, **quando você questiona, quando você pergunta, quando os alunos perguntam, é um sinal de que tá dando certo, é um sinal de que você conseguiu chamar atenção dos alunos entendeu? É um sinal que você conseguiu chamar atenção dos alunos e que os alunos estão interessados naquilo, isso tá mexendo com ele de alguma forma a partir deste momento você tem aquele “ó essa aula foi boa” porque teve a participação dos alunos interação, então eu acho que isso é um indicativo.***

A frase de destaque na fala do professor P1 nos demonstra um aspecto muito importante a respeito da afetividade, são as emoções que permeiam todos os nossos desejos e atitudes, pois “[...] os afetos são emoções que acompanham algumas relações interpessoais (...)” (Corrêa, 2005, p. 61). Tais afetos são uma força da alma, capaz de nos mover de forma positiva ou negativa. Espinosa, define que “[...] uma afecção, chamada paixão da alma (animi paterna), é uma ideia confusa pela qual a alma afirma a força de existir, maior ou menor do que antes, do seu corpo ou de uma parte deste [...]” (apud Imianowsky e Almeida, 2020, p. 4). Desde a infância somos movidos por nossos afetos, fatores emocionais e afetivos têm grandes implicações em nossas ações e não coincidentemente afetam de forma tão significativa os processos de ensino e aprendizagem. A característica de participação vem atrelada a interação entre professor e aluno, dado isso, entende-se como é importante estabelecer uma boa relação, que permita o diálogo e a confiança entre ambos.

É importante refletirmos que o processo de ensino e aprendizagem sofre interferência de diversos fatores e, por ser um processo estritamente humano, deve-se considerar aspectos socioeconômicos bem como aspectos emocionais, que influenciam diretamente dentro da sala de aula. Dada a complexidade humana, tem-se a complexidade do exercício da docência já que cabe ao professor, munido muitas vezes apenas com uma lousa e um giz administrar todos esses fatores em sala de aula. Tratar de todos esses aspectos é ainda mais relevante quando se pensa na formação de novos professores, ao longo de nossa trajetória acadêmica os professores que temos moldam tanto os nossos afetos como nosso perfil profissional, pois é também sendo aluno que se aprende a ser professor. Entende-se que “[...] o professor é um modelo, na sua forma de relacionar-se, de expressar seus valores, na forma de resolver os conflitos, na forma de falar e ouvir” (Mahoney; Almeida, 2005 p. 26), como fica bem destacado na fala da entrevistada A3.

*A3: **Acho que o professor é uma figura muito importante para história do alunos, para história dos estudos e você acaba tendo afeto pelas pessoas que você admira, pelas pessoas que você gosta e vice versa. Também eu acho que o professor ele precisa sentir esse afeto para que ele consiga de fato exercer o trabalho dele que é ensinar, eu acho que ninguém consegue ensinar sem o mínimo de afeto e ninguém consegue aprender sem sentir esse afeto também.***

Reconhece-se assim a importância de professores de cursos de licenciatura serem bons modelos, não somente acadêmicos, mas também humanos. Nesse sentido, refletimos sobre o contexto profissional que os professores universitários estão inseridos, no tripé pesquisa, ensino e extensão, no fato de que há muitas exigências e o ensino nem sempre tem o espaço que deveria ter. Como é apontado por Lima e Filho (2009), a docência é considerada um dos trabalhos mais estressantes e isso acaba por se manifestar como desinteresse, apatia, desmotivação e até mesmo como sintomas psicossomáticos. Por isso, é importante levar em conta a satisfação e o bem estar do professor, nesse sentido temos a seguinte fala.

P2: O foco é o aluno, mas também é o meu prazer de dar aquela aula, então eu saio feliz que eu dei aquela aula. Pode parecer bobeira, mas é algo que eu vou fazendo há muito tempo, então tem que ter o fator alegria né? Se não, como é que faz?

É importante que o professor sinta alegria e satisfação em sua atuação, não somente como pesquisador na universidade, mas especialmente como docente já que a principal função das universidades deve ser formar profissionais capacitados e humanos. Quando se perguntou-se aos entrevistados se o tema afetividade seria algo importante para sua formação, todos os entrevistados afirmaram que sim. No entanto, ao perguntar se eles estudaram esse tema ao longo da sua trajetória acadêmica, somente a professora da área da Educação disse que foi um tema abordado em uma de suas formações, mas não no curso de Licenciatura em Química.

6. Considerações finais.

Neste trabalho, refletimos acerca dos aspectos afetivos que envolvem as relações de ensino e aprendizagem no ensino superior. Notamos que a relação interpessoal entre professores e alunos tem fortes implicações no processo de ensino e aprendizagem; que a figura do professor é marcante para seus alunos e possui grande influência em sua vida profissional, pessoal e acadêmica. Tal relação é capaz de causar manifestações afetivas que aproximam ou distanciam os alunos dos conteúdos e disciplinas. Dessa forma, entende-se que aspectos emocionais e cognitivos estão correlacionados e se dão simultaneamente, por isso, a sala de aula deve ser um ambiente que considera o ser humano de forma integral, sem reprimir emoções e sentimentos como se estes não estivessem presentes durante toda e qualquer ação humana. Pode-se observar também a influência da afetividade no processo de ensino, não surpreendentemente os docentes também sofrem implicações de caráter emocional/afetivo em suas atitudes, por isso é importante pensar no bem estar, na formação e preparo desses profissionais.

Entende-se que é preciso avançar a respeito da compreensão do ser humano para avançar nos modelos educacionais, entender como o processo de aprendizagem se dá, por quais fatores é influenciado e como devemos formar profissionais que tenham capacidade de mediar esses processos de forma adequada. Outra questão a ser refletida é a respeito dos poucos estudos que citam os processos afetivos e suas implicações na idade adulta. É como se, ao passar para esta fase, deixássemos de considerar que os aspectos afetivos ainda influenciam nossas ações e atitudes. E, negar estes aspectos pode estar nos levando a relações sociais marcadas pelo abandono, pelo adoecimento físico e mental e, também, pode estar dificultando ainda mais um processo educacional que poderia e deveria ser mais produtivo, criativo e feliz.

Agradecimentos

Os autores agradecem imensamente à todos que apoiaram e acompanharam durante o desenvolvimento desse trabalho, em especial nossas amigas Larissa e Izabela e familiares. A agência de fomento CAPES e ao Programa Unificado de Bolsas de Estudos para Apoio à Formação de Estudantes de Graduação (PUB-USP) que ajudaram a custear todos os gastos durante a graduação e a Revista Iluminart pela oportunidade de divulgar este trabalho.

Referências

- ALMEIDA, L. R. **Henri Wallon: psicologia e educação**. 10. ed. São Paulo: Loyola, 2010. 85 p.
- ALSOP, Steve. Bridging the Cartesian divide: Science education and affect. In: Beyond Cartesian dualism: Encountering affect in the teaching and learning of science. **Dordrecht: Springer Netherlands**, 2005. p. 3-16.

- AMADO, J. et al. O lugar da afetividade na relação pedagógica – contributos para a formação de professores. **Revista Sísifo**, p. 75-86, 2009.
- BARROS, F. R. **Impactos afetivos das práticas pedagógicas no ensino superior: o olhar dos alunos**. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, 2017.
- CAMARGO, D.; BULGACOV, Y. L. M. Recuperação histórica do conceito de emoção em Vigotski: Contribuição para a tese da indissociabilidade da emoção na atividade humana. **Revista de Psicologia**, v. 1, p. 213-220, 2016.
- CORRÊA, C. Pinto. O afeto no tempo. **Estudos de Psicanálise**, n. 28, p. 61-67, 2005.
- DAMÁSIO, A. R. **O erro de Descartes: emoção razão e o cérebro humano**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. 336 p.
- FERNANDEZ, C. **PCK-Conhecimento Pedagógico do Conteúdo: perspectivas e possibilidades para a formação de professores**. Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, v. 8, p. 1-12, 2011.
- FRANCO, A. F. O mito da autoestima na aprendizagem escolar. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 13, n. 2, p. 325-332, 2009.
- GARCIA, L. M. L. S.; GOMES, R. S. Causas da evasão em cursos de ciências exatas: uma revisão da produção acadêmica. **Revista Educar Mais**, v. 6, p. 937-957, 2022.
- GONÇALVES, Nayane B. Aprendizagem e desenvolvimento cognitivo: as contribuições de Vigotski. Organizadoras: H. L. Oliveira, L. B. M. Silva, V. P. Rocha. Campinas, São Paulo. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). 2019. 92 p.
- IMIANOWSKY, André Gustavo; DE ALMEIDA VITÓRIA, Carla. Psicologia e Afetividade em Espinosa: uma revisão crítica sobre o uso da teoria dos afetos. **Revista de Ciências Humanas**, v. 54, p. 1-15, 2020. KOCHHANN, A.; ROCHA, V. A. S. **A Afetividade no Processo Ensino-Aprendizagem na Perspectiva de Piaget, Vygotsky e Wallon**. Universidade Estadual de Goiás (UEG), 2015.
- LEITE, S. A. S. Afetividade nas práticas pedagógicas. **Temas em psicologia**, v. 20, n. 2, p. 355-368, 2012. LIMA, M. F. E. M.; FILHO, L. O. D. Condições de trabalho e saúde do/a professor/a universitário/a. **Ciências & Cognição**, v. 14, n. 3, p. 62-82, 2009.
- LIMA, M. R. L. **A relação afetiva entre professor e aluno: a concepção de professores antes e durante a pandemia de Covid 19**. Tese de doutorado. 2020.
- LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: **Pedagógica Universitária**, 1986. p. 25-44.
- MAGIOLINO, L. L. S. et al. **Emoções humanas e significação numa perspectiva histórico-cultural do desenvolvimento humano: um estudo teórico da obra de Vigotski**. 2010. 180 p. Tese (Doutorado em educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 2010.
- MAHONEY, Abigail Alvarenga; DE ALMEIDA, Laurinda Ramalho. Afetividade e processo ensino-aprendizagem: contribuições de Henri Wallon. **Psicologia da educação**, n. 20, 2005.
- MASETTO, Marcos T. Docência universitária: repensando a aula. **Ensinar e aprender no ensino superior: por uma epistemologia da curiosidade na formação universitária**, v. 2, p. 79-108, 2003.
- MASETTO, Marcos Tarciso. Formação pedagógica dos docentes do ensino superior. **Revista Brasileira de Docência, Ensino e Pesquisa em Administração**, v. 1, n. 2, p. 04-25, 2009.
- PERALTA, A. L. B. **Afetividade em Wallon e Vigotski para a superação da dicotomia indivíduo e sociedade**. 2021. p. 57 Monografia (Graduação em Psicologia) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás Universidade Federal Goiás, Goiânia, 2021.
- RODRIGUES, T. A. Pedagogia humanizada: importância do vínculo afetivo professor/ aluno para despertar a cultura de paz desde a educação infantil. **Revista científica semana acadêmica**. Fortaleza, 2023. disponível em: <https://semanacademica.org.br/artigo/pedagogia-humanizada-importancia-do-vinculo-afetivo-professor-aluno-para-despertar-cultura-de>. Acessado em: 10/08/2023
- SARNOSKI, E. A. Afetividade no processo ensino-aprendizagem. **Revista de Educação do IDEAU**, v. 9, p. 1-13, 2014.
- SILVA, E. R. As relações entre cognição e afetividade em LA: a influência de Vygotsky nessa abordagem temática. **Soletas**, n. 15, p. 133-140, 2008.
- SILVA, R. F. **As emoções e sentimentos na relação professor-aluno e sua importância para o processo de ensino e aprendizagem: contribuições da teoria de Henri Wallon**. 2017. 164 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Faculdade de Ciências e Letras. Universidade Estadual Paulista, Assis, 2017. SOARES, A. B. et al. Adaptação Acadêmica de Estudantes de Primeiro Ano de Psicologia. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 21, p. 513-532, 2021.
- TAILLE, Y.; OLIVEIRA, M. K.; DANTAS, H. Piaget, Vigotski, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão. **Summus editorial**, 2019.
- TEIXEIRA, Kalyne Jeuken. **Afetividade e a escolha profissional no ensino médio**. Dissertação de Mestrado.

Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC), 2021.

TOMAZ, C.; GIUGLIANO, L. G. A razão das emoções: um ensaio sobre "O erro de Descartes". **Estudos de Psicologia**, v. 2, p. 407-411, 1997.

VARES, S. F.; POLLI, J. R. O dualismo e a concepção de homem em René descartes. **Revista Análise**, v. 6, n. 11, p. 51-59, 2005.

VIGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. Tradução: Paulo B. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001a. 494 p.

VIGOTSKI, L. S. **Obras Escogidas**: Tomo 3. Ed Visor, 1985.

VIGOTSKI, L. S. **Psicologia Pedagógica**. Tradução: Paulo B. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001b.

WACHOWICZ, L. A. A dialética na pesquisa em educação. **Revista Diálogo Educacional**, v. 2, p. 171- 181, 2001.

WALLON, H. **A evolução psicológica da criança**. Tradução Ana Maria B. Lisboa: Edições 70, 1968. 237 p.

ZABALZA, Miguel A. O ensino universitário. **Artmed Editora**, 2009.